

## Espera para obter patente pode cair para 4 anos

Matéria publicada na Gazeta do Povo em 09 de março de 2008.

Curitiba – Hoje quem precisa registrar um invento, uma descoberta ou um produto espera por pelo menos seis anos até obter a patente no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi), órgão vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Inovações tecnológicas e aumento no quadro de funcionários da entidade podem fazer com que essa “demora” caia para três ou quatro anos, dentro dos padrões internacionais. Ao menos é essa a expectativa do Inpi. Muito tempo de espera significa risco para quem precisa ter o registro definitivo de um invento, por exemplo.

Confira os estados que mais fizeram depósitos entre 2000 e 2004:

DEPÓSITOS	
ESTADOS QUE MAIS FIZERAM DEPÓSITOS ENTRE 2000 E 2004	
São Paulo	49,94%
Minas Gerais	18,32%
Rio de Janeiro	11,17%
Rio Grande do Sul	6,9%
Paraná	3,64%
Pernambuco	3,01%
Distrito Federal	2,89%
Santa Catarina	1,88%
Pará	1,51%
Amazonas	0,25%
Sergipe	0,13%
Ceará	0,13%
Mato Grosso do Sul	0,13%
Mato Grosso	0,13%

RANKING DOS DEPOSITANTES (ENTRE 2000 A 2004)	
Instituição	Pedidos de patentes
1.º Unicamp	232
2.º UFMG	97
3.º UFRJ	81
4.º USP	80
5.º UFRS	41
...	
13.º UFPR	11
15.º UEM	11
24.º UEL	3

→ Fonte: Inpi.

A meta do Inpi é que nos próximos dois anos seja possível ter uma redução efetiva no tempo de espera no registro de patente, comenta Rita Pinheiro Machado, coordenadora da Academia de Propriedade Intelectual de Inovação do Inpi. “Após recentes concursos públicos, o número de examinadores de patentes no Inpi subiu de 120 para 260. A produtividade tende a crescer com o aumento de pessoal.”

O Inpi também ganhará no segundo semestre de 2008 a versão eletrônica para o depósito de patentes (pedido inicial). O sistema europeu Eptos, criado pelo

Escritório Europeu de Patentes, será adaptado às necessidades brasileiras. O programa irá auxiliar o Inpi nos serviços de gerenciamento eletrônico de documentos de patentes. Módulos do sistema permitirão a visualização via internet das petições e o acompanhamento dos processos em andamento. “A possibilidade de se fazer o depósito de patente na internet irá facilitar bastante o processo.”

## **Universidades**

Paranaenses estão em 5.º no ranking

Nos dados de 2000 a 2004, as universidades paranaenses aparecem em quinto lugar no ranking nacional, com apenas 3,64% dos depósitos de patentes.

Edimeire Cristina Pereira, coordenadora do Núcleo de Propriedade Intelectual da Universidade Federal do Paraná (UFPR), acredita que após a criação do Núcleo de Inovação Tecnológica em 2002 a cultura da propriedade intelectual na universidade ganhou mais destaque dentre os acadêmicos, mas ainda há espaço para crescer mais. Entre 2004 e 2007, o número de pedidos de patentes pela UFPR subiu de 7 para 18. “Prestamos assistência para a obtenção de patentes não só aos universitários; atendemos também a toda a comunidade interessada pelo serviço.”

Edimeire considera que a demora para obtenção de patente no Brasil representa um risco para quem inventa algo. “Nos EUA é possível obter patente em apenas dois ou três anos. É um processo mais ágil.” (KC)

Entre as universidades, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) lidera o ranking de patentes. Atingiu o número 500 em 2007. Entre os anos de 2000 e 2004, a Unicamp também ocupava o primeiro lugar com 232 pedidos. Os últimos dados do Inpi são de 2004 – o atraso na consolidação dos dados se deve ao fato de que os depósitos de patentes permanecem por um ano e meio sob sigilo, explica Rita.

Para ela, as universidades estão começando a entender a lógica das patentes e a se conscientizar sobre a importância de que o pesquisador possa registrar o seu estudo e proteger o que produziu. Outro ponto, diz Rita, é que determinados licenciamentos podem gerar royalties para as universidades. “Nem todas as patentes dão retorno financeiro às universidades, mas quando uma implementação dá certo a geração de royalties pode ser positiva para a instituição.”

Em 2007, a Unicamp recebeu 90 pedidos de patentes, sendo que 46 foram depositadas no Inpi e 19 em outros países. Roberto Lotufo, diretor executivo da Agência de Inovação Inova Unicamp, conta que o retorno financeiro das patentes é uma consequência do trabalho, mas não seu objetivo. “A grande busca é de criar oportunidades para que os resultados da pesquisa feita na universidade tenham uso na sociedade. Particularmente na Unicamp, acreditamos que entraremos para o pequeno hall das universidades que conseguirão arrecadar mais que R\$ 1 milhão por ano. Os royalties recebidos nos últimos três anos foram de R\$ 65 mil, R\$ 214 mil e R\$ 450 mil.”

Por lei e definição interna na Unicamp, um terço dos royalties é pago aos inventores e, do restante, metade é de aplicação da faculdade ou instituto onde a pesquisa foi realizada e a outra metade é da reitoria que atualmente reinveste no aprimoramento da Inova, explica Lotufo.

### **Paranaenses estão em 5.º no ranking**

Nos dados de 2000 a 2004, as universidades paranaenses aparecem em quinto lugar no ranking nacional, com apenas 3,64% dos depósitos de patentes.

Edimeire Cristina Pereira, coordenadora do Núcleo de Propriedade Intelectual da Universidade Federal do Paraná (UFPR), acredita que após a criação do Núcleo de Inovação Tecnológica em 2002 a cultura da propriedade intelectual na universidade ganhou mais destaque dentre os acadêmicos, mas ainda há espaço para crescer mais. Entre 2004 e 2007, o número de pedidos de patentes pela UFPR subiu de 7 para 18. “Prestamos assistência para a obtenção de patentes não só aos universitários; atendemos também a toda a comunidade interessada pelo serviço.”

Edimeire considera que a demora para obtenção de patente no Brasil representa um risco para quem inventa algo. “Nos EUA é possível obter patente em apenas dois ou três anos. É um processo mais ágil.” (KC)